

DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA CAPITALISTA: SUA EVOLUÇÃO, FRAGILIDADES E A INTERDEPENDÊNCIA FINANCEIRA

Erick Raupp Ghabril¹

Giovana Souza Freitas²

RESUMO

Com o desenvolvimento do sistema capitalista surge a intensificação da interdependência ente as nações. Algumas, que sempre mostraram-se mais fortalecidas no sistema mundo, mantém-se em posição de liderança no cenário global, em detrimento de uma série de outras que parecem enfraquecidas e sentem, muitas vezes, de forma mais direta, os efeitos perversos presentes na lógica do capital. Procurando avaliar os problemas decorrentes do desenvolvimento do capitalismo e as questões relativas à interdependência entre as nações é que este artigo foi elaborado. Para tanto, realizou-se uma pesquisa exploratória no intuito de investigar a evolução do sistema capitalista ao longo dos séculos. Sequencialmente, a pesquisa bibliográfica propiciou a análise que permitiu ao pesquisador inferir as principais conclusões. Infere-se, a partir de então, que o capitalismo viabilizou a ascensão das grandes potências, mas que a interdependência precisa ser avaliada e controlada, pois pode comprometer o desenvolvimento das nações. Muito disso ocorre em função das fragilidades que o sistema apresenta. Consta-se que os centros de poder devem permanecer os mesmos, perpetuando, assim, a lógica do sistema.

Palavras-chave: Capitalismo, interdependência, financeirização

ABSTRACT

With the development of the capitalist system emerges the intensification of the interdependence between nations. Some, that always has shown as more powerful in the world-system, remains in the position to leadership in the world scenario, rather than a series of other that appear weakened and feel, many times, so more direct, the perverse effects presented in the logic of capital. Trying to evaluate the problems arising from the development of capitalism and how questions concerning the interdependence between nations that this article was written. Therefore, it held an exploratory research in order to investigate the capitalist system evolution along the centuries. Sequentially, the bibliographic research provided an analyses that allowed when researcher infer main conclusions. Inferred, from then on, that capitalism allowed the rise of great powers, but that interdependence needs to be evaluated and controlled as can compromise the development of nations. So much of this occurs by the weaknesses that the system presents. It appears that the power centers should staying the same, perpetuating, thus the logic of the system.

Keywords: capitalism, interdependence, financialization

INTRODUÇÃO

Compreende-se que a complexa interdependência entre as nações, intensificada nos últimos anos, é fruto de longos anos de desenvolvimento dos países e do sistema capitalista. A transição do

¹ Bacharel em Relações Internacionais. Membro da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (CPA – 20). erick@ghabrilambiental.com.br

² Doutora em Economia. Professora da Faculdade de Negócios do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter). giovana_freitas@uniritter.edu.br

feudalismo para o capitalismo foi um período essencial para que os mecanismos do capital ascendessem no cenário internacional. Isto ocorreu devido às necessidades de expansão do comércio, desenvolvimento de novas tecnologias, criação do mercado financeiro (que tornou-se complexo com o passar dos anos) e viabilização de um sistema bancário garantidor de crédito e aporte de capital para o crescimento empresarial.

Esta interação mercadológica e a criação da alavancagem financeira, bem como a financeirização do sistema possibilitaram a agilidade das transações e a criação de empresas transnacionais, o que criou uma rede complexa de interdependência entre todos os atores envolvidos. Algumas fragilidades do sistema aparecem como fruto da intensificação da interação, como, por exemplo, a vulnerabilidade em que as nações estão suscetíveis, mas que, ao mesmo tempo, através do viés economicista, acaba por distanciar a antiga ideia de que a disputa do poder se dá por meios militares, passando o mesmo (na contemporaneidade) ser disputado pelas nações que dispõem de poder econômico.

A fragilidade das nações diante dos problemas econômicos pode ser percebida nos momentos de crise, como a de 1929, nos Estados Unidos, que abalou o mundo todo e, também, posteriormente, a crise de 2008. Verifica-se que os impactos econômicos oriundos destas crises são sentidos de forma muito intensa pelas nações, a ponto de conseguirem, muitas vezes, alterar a configuração do sistema mundo.

Além destes períodos de instabilidade, percebe-se que a evolução tecnológica contribuiu para intensificar a aceleração global dos fluxos de capital e os jogos estratégicos para as políticas e as práticas de poder entre as nações. Defende-se que a interdependência forma-se como consequência do desenvolvimento capitalista e contribui para que se formem os jogos de poder no nível econômico.

Sendo assim, através da evolução do capital ao longo dos séculos, viabilizou-se uma estrutura econômica que transformou a sociedade internacional em um sistema interdependente, em que as políticas de poder e de coerção são cada vez mais evidentes e complexas. Este processo possibilitou a interação avançada da ciência e da tecnologia, acelerou os mecanismos de meios de troca, no que tange à financeirização do sistema e, ainda, gerou a necessidade de novos aparatos jurídicos e institucionais para possibilitar a operacionalização dos fluxos de capital.

Com isso, tornou-se possível observar o surgimento de um alinhamento entre os países em desenvolvimento que, em virtude de um posicionamento anti-hegemônico, unem-se para posicionar-se e competirem juntos, como o que ocorreu diante o surgimento dos BRICs e de outros grupos de

países que atuam conjuntamente no sistema internacional no intuito de tornarem-se mais fortes economicamente.

Desse modo, forma-se um novo cenário, regido pelo capital, que corroborou para a transformação do sistema internacional, aperfeiçoou o sistema financeiro, expandiu as transações comerciais, viabilizou o surgimento de novas tecnologias. Isto, entretanto, causou um acúmulo cada vez maior de riquezas na posse de poucos (concentração da renda), ocasionando uma assimetria entre os atores envolvidos, tanto em nível do indivíduo, quanto em nível estatal.

No intuito de analisar a evolução do sistema capitalista e a interdependência gerada na sociedade internacional contemporânea é que este artigo foi elaborado. Para tanto, procurou-se compreender como ocorreu a evolução do sistema (o que permite apontar suas potencialidades e fragilidades) e a interdependência gerada a partir dele.

Primeiramente, a pesquisa exploratória (LAKATOS e MARCONI, 2010) foi realizada no intuito de reunir as informações que possibilitaram analisar a história da evolução da sociedade internacional e do sistema capitalista ao longo dos séculos. Sendo assim, a pesquisa procura nos fatos históricos fazer a compreensão da realidade evidenciada no presente.

Sequencialmente, a pesquisa bibliográfica realizada em livros, artigos acadêmicos e documentos específicos sobre o tema abordado, foi o principal instrumento para viabilizar a pesquisa. Procurou-se resgatar as principais publicações sobre o tema para propiciar a análise que permitiu ao pesquisador inferir as principais conclusões.

O CAPITALISMO E A ASCENSÃO DAS GRANDES POTÊNCIAS

A partir da intensificação das transações financeiras envolvendo agentes econômicos de diferentes países e capitais voláteis que procuram a melhor oportunidade para especularem e obter máximo ganho, emergiu um novo regime de acumulação, através da financeirização, que concentra a maior parte do capital existente dentro do setor bancário, o que influencia a ordem política internacional. Com isto, criam-se mecanismos de expansão comercial através do crédito elevado, que pode ser gerado sem lastro real, fazendo com que agentes multinacionais se apropriem da capacidade de desenvolvimento mundial do capital. Nesse seguimento, os Estados industrializados apropriam-se do saldo favorável na balança de pagamentos internacional e dos recursos suficientes para desenvolver-se economicamente.

Também, nesse sistema, intensifica-se a busca por recursos e a maximização de poder, o que leva à competição e à ascensão de algumas potências, cujo caráter produtivo se sobressai no cenário internacional. Verifica-se, desta forma, aspectos positivos no que tange à captação e alocação de recursos por alguns países e outros aspectos que demonstram a desigualdade na criação e distribuição da renda e riqueza, que é gerada a partir do próprio funcionamento do sistema, o que pode ser considerada uma fragilidade do mesmo.

Potencialidades e fragilidades do sistema capitalista

A análise do sistema capitalista permite identificar potencialidades intrínsecas (que talvez consigam revelar as razões pelas quais o sistema vem desenvolvendo-se até então) e, por outro lado, fragilidades que inibem e, muitas vezes, corrompem o desenvolvimento do mesmo.

Dentre as potencialidades, evidenciam-se as oportunidades existentes dentro do sistema para os indivíduos, que podem valer-se delas para conseguirem atingir seus interesses econômicos. O indivíduo em seu estado de liberdade, considerando o caráter normativo e as regras gerais da sociedade, pode ascender e prosperar em termos econômicos. O mesmo pode ser considerado com empresas pequenas e de médio porte que queiram alcançar o sucesso das grandes corporações. Para tanto, vale-se do sistema capitalista, da lógica do máximo lucro que é inerente ao sistema e da estrutura financeira estabelecida para o desenvolvimento do mesmo.

Por outro lado, o funcionamento do sistema contribui para a desigualdade socioeconômica e as disparidades de renda e de fortunas entre diferentes indivíduos e também entre diferentes países. As rendas do capital evoluíram de tal maneira, que à medida em que há ascensão na hierarquia do sistema, essa renda passa a ser cada vez mais do capital e não do trabalho, ou seja, fruto da financeirização e das possibilidades de remuneração através de investimentos em ativos da estrutura financeira.

Os proprietários do capital se beneficiam do retorno financeiro que o mesmo lhes dá através da rentabilidade dos juros. Assim, também pode-se analisar no cenário internacional que os Estados detentores de capital crescem à medida que também articulam suas economias para retornos expressivos quando fomentam o mundo subdesenvolvido, manipulando-o de acordo com seus interesses.

Todavia, observam-se, dentre as potencialidades, aquelas referentes ao desenvolvimento tecnológico, que intencionam tornar o sistema mais dinâmico, proporcionam uma segurança maior

das transações financeiras e contribuem para a internacionalização destas, uma vez que os capitais podem ser investidos e captados em qualquer país, a qualquer momento.

Em função do caráter eminentemente competitivo que forma-se com o desenvolvimento do sistema, estimula-se o aumento da competitividade empresarial, originando, mais uma vez, assimetrias entre os diferentes países, contribuindo para que existam países periféricos exportadores de commodities em geral e países centrais, detentores de produtos de alto valor agregado.

Através de consentimento e coerção, há manutenção desse sistema entre os países envolvidos, bem como dentro de toda a estrutura existente. Esses aparatos internacionais auxiliam os grandes centros do sistema internacional a permanecerem como hegemônias. Em certos períodos há uma pequena alternância de poder, mas a estrutura continua a mesma..

De acordo com KEOHANE e NYE (1977), a interdependência afeta a política mundial e o comportamento dos Estados. Na sociedade internacional, faz-se a análise dos princípios, normas, regras e procedimentos de tomada de decisão, os quais, ao aceitar tais características, as ações governamentais afetam e influenciam os padrões de interdependência. Relações estas que vão originar os regimes internacionais entre outros órgãos no sistema. Verifica-se que as relações interestatais são assimétricas, e percebe-se que uma relação interdependente ocorre quando os atores dessa relação são mutuamente dependentes. Nesse contexto, ocorre a projeção de poder.

A interdependência gera dentro da concepção de sociedade internacional, um ambiente onde os Estados partilham de interesses e valores comuns, pois são interligados por conjuntos de regras e instituições normativas. Assim, os Estados inseridos nessa sociedade internacional, reconhecem certos valores comuns e respeitam as regras gerais. Desse modo, a interdependência é um consentimento mútuo das partes, apesar de assimétrica e que, em certa medida, pode haver cooperação adotando práticas jurídicas do Direito Internacional. Dentro deste contexto, apresenta-se, na tabela a seguir, algumas das principais potencialidades e fragilidades:

TABELA 1 – Potencialidades e fragilidades do sistema capitalista

	Potencialidades	Fragilidades
Para o indivíduo	Oferece uma gama de oportunidades para o desenvolvimento dos agentes econômicos	Gera desigualdade socioeconômica
Para as organizações	Contribui para o desenvolvimento tecnológico	Contribui para a concentração de renda e riqueza
Para as nações	Estimula a competição entre os agentes e entre as nações	Contribui para a desigualdade entre as nações (países centrais e

periféricos).

Fonte: elaborado pelos autores

Diante deste íterim de pontos positivos e outros que ainda precisam ser modificados para garantir uma melhor eficiência do sistema, avalia-se o grau de interdependência que o capitalismo gera na economia mundial.

A INTERDEPENDÊNCIA GERADA PELO CAPITALISMO

A interdependência é derivada de uma integração cada vez mais desenvolvida e complexa do sistema financeiro vigente. A criação de mecanismos especulativos e de crédito, que coloca o capital como parte integrante de um mundo globalizado, eleva o risco das oscilações nos mercados atuantes.

Neste modo, o capital é considerado um mecanismo em que diversas partes se relacionam e especulam, com vistas à acumulação e maximização de moeda. Uma valorização ou desvalorização da moeda pode ocasionar uma expansão ou retração do comércio internacional, bem como elevar ou diminuir os fluxos de investimentos especulativos nos diversos mercados financeiros. Claro que, neste último aspecto, em termos de especulação financeira, considera-se outras variáveis de mercado como, por exemplo, a situação política.

De acordo com KEOHANE e NYE (1989), a multilateralidade do sistema cria mecanismos para que o jogo político aconteça no âmbito econômico. Faz-se necessário analisar as estratégias e medidas acerca da visão macroeconômica e microeconômica dos atores em questão. Desse modo, os Estados com posições privilegiadas no sistema influenciam os demais com atitudes econômicas, deixando-os em posições de vulnerabilidade ou sensibilidade. Nesse contexto estratégico, os atores podem estar atrelados às variáveis em diversos níveis, sendo sensíveis ou vulneráveis às oscilações de mercado. Nessa interação e influência política, pode-se analisar a participação de diversos atores, por exemplo, órgãos governamentais diretamente, mas que em certa medida são influenciados por pressões políticas internas de cada Estado, para que os seus interesses próprios sejam levados adiante.

Segundo STALLINGS (1995), houve uma maior interdependência a partir da multilateralidade do sistema pós-guerra fria, no qual há muitos interesses no sistema internacional e uma maior competitividade por mercados. Em detrimento dessa lógica, em alguns casos, a falta de regulação

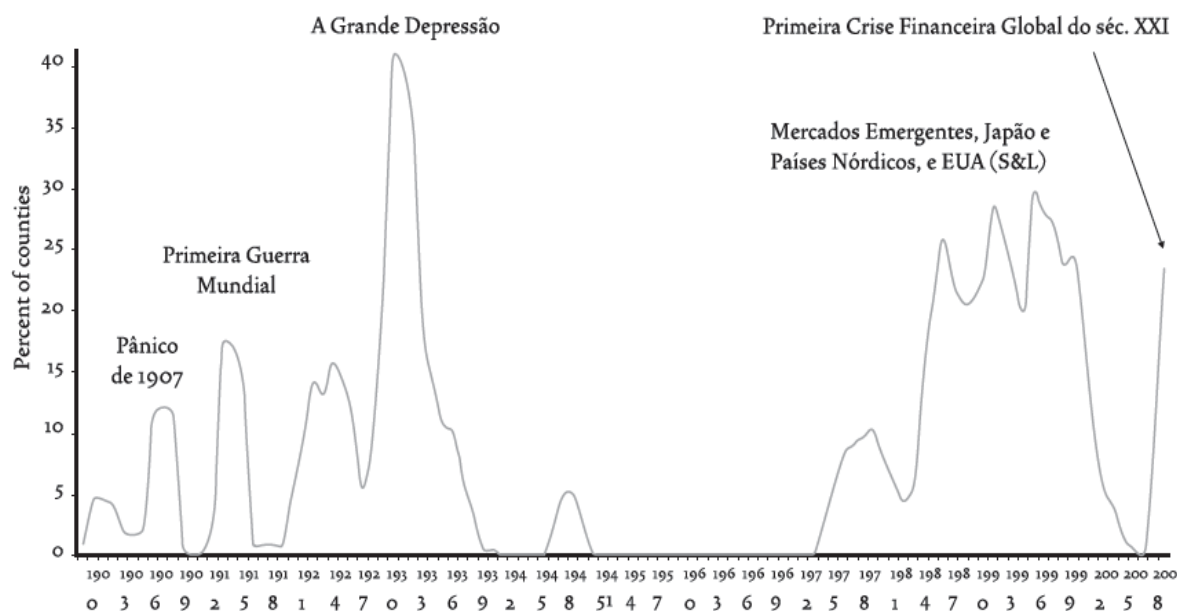
da máquina pública perante o seu interesse nacional, privilegiando a elite, acaba por acarretar em crises generalizadas como, por exemplo, a ocorrida nos Estados Unidos, em 2008. O sistema bancário demonstrou total autonomia em termos de especulação de hipotecas, comercializando ativos considerados de alto grau especulativo, mesmo ciente do seu risco de inadimplência. Dessa maneira, a falta de regulação e subordinação do Estado acarretou em uma crise mundial, no qual diversos países foram afetados.

De acordo com BRESSER (2010), essa crise internacional foi também uma crise social que, segundo previsões da Organização Internacional do Trabalho (OIT), elevou o número de desempregados de cerca de 20 milhões para 50 milhões em 2009. Segundo esse autor, as crises em países em desenvolvimento são, em sua maioria, de origem monetária ou originadas na balança de pagamentos, porém, não bancárias. E, de maneira geral, ocasionadas por alavancagem do capital, ou seja, alto grau de especulação em ativos de baixo crédito. Também cria-se uma quantidade de moeda digital circulante que não é passível de lastro, beneficiando aqueles poucos detentores do capital e subordinando as classes menos favorecidas no sistema que trabalham para assegurar todo esse arranjo institucional.

Sendo assim, levam-se em consideração as crises regionais e os efeitos que os mesmos geram para a economia mundial. No sistema internacional vigente, um ator hegemônico (ou forte o suficiente em suas operações econômicas) pode colocar o sistema econômico internacional em uma crise global, o que pode ser visualizado no gráfico a seguir que demonstra a forma como as crises financeiras desencadeadas em um determinado país afetam diretamente os demais inseridos no sistema.

GRÁFICO 1 - Proporção de países afetados economicamente por ocasião das grandes crises mundiais que afetaram o mundo entre 1900 e 2008

Proporção de países em crise bancária, 1900-2008, ponderada por participação na renda mundial



Fonte: Reinhart, Carmen N. e Rogoff, Kenneth S. "Banking crises: an equal opportunity menace". *NBER Working Paper*, 2008, nº 14.587, dez., p. 6. Nota: A amostra abrange todos os 66 países listados na Tabela A1 [da fonte citada] que eram estados independentes no ano respectivo. Foram usados três conjuntos de ponderações pelo PIB, 1.913 pesos para o período de 1800 a 1913, 1.990 para o período entre 1914 e 1990, e, finalmente, 2.003 para o período de 1991 a 2006. Os dados de 2007 e 2008 elencam crises na Áustria, na Bélgica, na Alemanha, na Hungria, no Japão, na Holanda, na Espanha, no Reino Unido e nos Estados Unidos. A figura apresenta uma média móvel de três anos.

Fonte: PEREIRA, 2010

Conforme observa-se, no gráfico, que cerca de 25% dos países sofreram as consequências da crise financeira de 2008 e, de alguma forma, abalaram-se com a mesma, o que não difere-se dos outros eventos de grande impacto para as economias que ocorreram ao longo do século XX.

Essa interação corrobora para um cenário cada vez mais interligado à medida que os Estados participam ativamente da lógica neoliberal onde a economia tem legitimidade científica através da financeirização do sistema, ou capitalismo financeiro, como alguns autores abordam. Alguns dos argumentos usados para justificar essa nova abordagem seria a recompensa meritocrática em prol da eficiência e competitividade acelerada.

Nesse âmbito, pode-se examinar a problemática nesse cenário em que há assimetrias entre os atuantes no sistema, e que derivam teorias como a do sistema mundo de WALLERSTEIN (2008), em que o autor aborda três divisões mundiais analisando o centro, semiperiferia e a periferia no globo. Cada qual teria sua função, sendo o centro o detentor do capital e explorador dos demais.

Nessa lógica, o autor sugere que, na percepção geral, é possível alcançar o centro e que é necessário passar por etapas de evolução, o que seria na verdade uma abordagem fictícia desse sistema, em benefício da hegemonia para a manutenção do *status quo*. Essa dinâmica faz pensar que a ascensão ao topo da cadeia produtiva é possível quando, na verdade, o centro sempre vai ser composto pelos mesmos países e a periferia também. Essa assimetria realmente é observada e as interações mercadológicas entre os Estados se faz de forma não equânime, mas dependentes.

Para FRIEDMAN (2009), a globalização diminui a distância entre os atores, pois é possível articular tomadas de decisão, bem como se conectar a qualquer momento na rede mundial de informação. O processo de aceleração da informação viabiliza a conectividade entre os Estados e, principalmente, entre os sub-atores como transnacionais e organizações internacionais que influenciam os mercados econômicos e as políticas envolvidas.

Assim, em uma linha horizontal, no ideal imaginário, as relações no capitalismo ganham competitividade à medida que enfrentam um cenário internacional. Interessante analisar que esse viés competitivo agrega uma necessidade de inovação constante e pesquisas tecnológicas para acompanhar o mercado cada vez mais acirrado. Nesse aspecto, as interações mercadológicas também se dão em níveis variados, como linhas de produção em países com mão de obra barata e desenvolvimento de tecnologia em países industrializados.

Contudo, o capitalismo oferece oportunidades, se houver o desenvolvimento de políticas públicas que corroborem para o crescimento empresarial. A interdependência também gera possibilidades de expansão comercial, devido às alternativas de crédito e os mecanismos financeiros.

Segundo ALMEIDA (2010), a economia mundial vem sendo construída desde o século XVI e está longe de estar homogeneizada. Talvez, com processos de liberalização do comércio, isenção de restrições financeiras e melhor regulamentação de toda complexidade do sistema, este cenário mude ao longo dos anos, o que, na visão do autor, está longe de acontecer.

Na perspectiva histórica, esse autor retrata que no século XV, na chamada primeira onda de globalização, a centralização do comércio estava na Europa, e que estas, estavam atreladas às suas terras recém-descobertas na “periferia do mundo”. Nesta época, outros blocos sub-regionais na Eurásia ou nas Américas não tinham realmente condições de disputar qualquer hegemonia econômica mundial.

Até o final do século XVIII, China e Índia constituíam duas grandes economias, produzindo bens valorizados nos mercados ocidentais, mas dotadas de instituições pouco adaptadas aos

desafios da nova economia industrial. Foi precisamente a partir da revolução industrial, na Inglaterra, nessa mesma época, que teve início a diferenciação dos centros econômicos mundiais, processo que os historiadores econômicos chamam de 'grande divergência', ou seja, a aceleração da transformação tecnológica no Ocidente, seguida da dominação absoluta das potências europeias sobre o resto do mundo. Argumenta-se que as economias nacionais pouco se diferenciavam até então e as diferenças estruturais começam a aparecer a partir de níveis bem mais elevados nos sistemas industriais, podendo se observar a distância dos centros para a periferia (ALMEIDA, 2010).

Segundo NYE (1989), em uma perspectiva neoliberal, as economias mundiais estão cada vez mais interconectadas e suscetíveis às alterações feitas no sistema. Assim, em um jogo de poder em um sistema anárquico, as disputas neste cenário acontecem no âmbito econômico. Como ponto de partida, é importante observar a criação da moeda e como este mecanismo para troca vem sendo alterado ao longo dos anos.

Devido às assimetrias do sistema, a interação entre os atores é complexa e o cenário internacional torna-se um ambiente de coalizões múltiplas. Assim, também GILPIN (2001) argumenta que o sistema financeiro e o capital internacional são propensos a crises e instabilidades. Esse sistema é guiado por investimentos especulativos que, através das tendências do mercado, inflacionam setores que, posteriormente, geram crises globais.

Segundo REIS (2014), durante as últimas décadas do século XX e no início do século XXI, o sistema internacional passou por intensas transformações, que obrigou os países a se adaptarem a uma nova realidade econômica e política. O avanço tecnológico, sentido desde o século passado, acabou por criar uma diferença ainda maior entre os países desenvolvidos do Norte e os países em desenvolvimento do Sul. Os países que não possuíam a capacidade de desenvolvimento para conseguir acompanhar a evolução tecnológica, que afetava as principais áreas da economia mundial, passaram a se tornar ainda mais dependentes dos países que tinham essa capacidade, pois se tornavam importadores de tecnologia e, na sua grande parte, também passavam a depender mais ainda da cooperação com os países do Norte.

Interessante ressaltar que os investimentos diretos externos são derivados de diversas análises do local em que serão aplicados. A economia como um todo corrobora para o aumento desenvolvimentista das nações se nela os empresários de diversos segmentos enxergarem reais possibilidades de rendimento.

Nesse âmbito, insere-se outra problemática quanto à extração de recursos e transferência de renda, pois o capital investido trás consigo empregos diretos e indiretos, mas que, de certa forma,

são transferidos para os grandes centros, corroborando para o aumento da concentração da renda e desigualdade entre os países. Estes problemas, próprios do sistema capitalista, intensificam-se nas economias quando as mesmas passam por períodos de crise econômica.

A crise de 2008 e a interdependência global

A crise bancária que teve início nos Estados Unidos, em 2007, e tornou-se uma crise global a partir de 2008, representou uma grande história para o capitalismo. Foi considerada (desde a de 1929) uma das crises mais severas enfrentadas pelas economias capitalistas e que, além de financeira, ocasionou uma crise social, ocasionando um aumento dos níveis de desemprego em vários países.

Essa crise foi originada pela desregulação dos mercados financeiros e pelo alto grau de especulação que o aparato governamental permitiu. Surgiu a partir da excessiva alavancagem dos ativos financeiros, ou seja, papéis eletrônicos que foram negociados por um preço sobrevalorizado.

Uma das questões envolvidas é que o crédito deixou de se basear em empréstimos de bancos às empresas, no mercado financeiro regular, para se basear cada vez mais em títulos negociados por investidores financeiros como, por exemplo, especulação em ativos financeiros. Dessa maneira, houve um crescimento excessivo do capital considerado fictício da economia e o mesmo ocasionou um colapso financeiro à medida que atingiu diversos mercados externos, pois estavam sendo negociados por instituições diversas e internacionais.

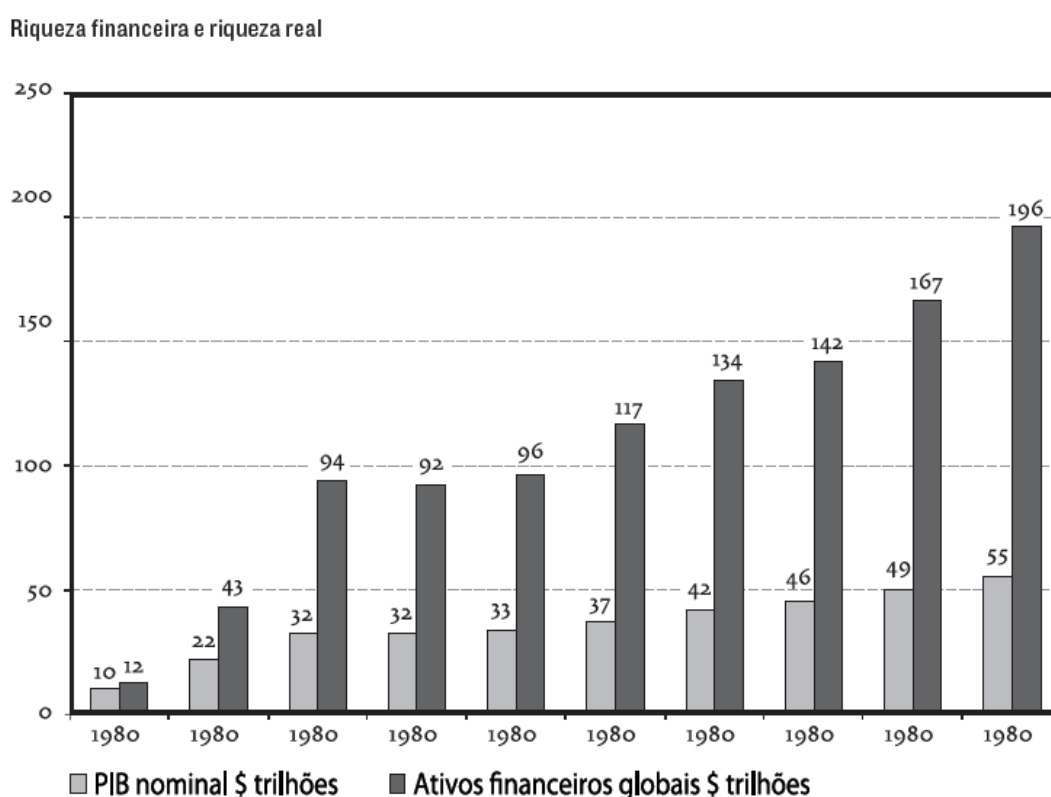
Segundo PEREIRA (2010), o aumento da instabilidade financeira desde a década de 1970 foi uma sucessão de crises bancárias nacionais às quais se pode analisar a partir dos países desenvolvidos e que se alastrou para os países em desenvolvimento, todos recentemente financeirizados. O capitalismo é instável e crises surgirão eventualmente, entretanto, medidas políticas podem ser adotadas para a contenção da expansão global, o que poderá reduzir a abrangência das crises, tornando-as pequenas ou regionais.

Ainda de acordo com PEREIRA (2010), se os governos dos países ricos não tivessem agido imediatamente e adotado políticas keynesianas de redução das taxas de juros, aumento da liquidez e expansão fiscal, essa crise provavelmente teria causado um dano ainda maior à economia mundial.

O Brasil foi atingido por essa onda originada nos Estados Unidos, pois após o anúncio da quebra do banco de investimentos Lehman Brothers, a bolsa brasileira caiu em mais de 8%, levando um bom período para se recuperar.

Em função da representatividade que os ativos financeiros têm no mercado, inúmeros ativos deixaram de ser atrativos em função desta crise, bem como investidores recuaram em relação aos seus investimentos, contraindo o desempenho das economias em geral, o que ocorreu, principalmente, em função de que a riqueza financeira cresceu mais do que proporcionalmente à riqueza real gerada pelas economias, o que pode ser visualizado no gráfico, a seguir:

GRÁFICO 2 - Comparativo entre riqueza financeira e riqueza real através dos ativos financeiros globais e do PIB (em trilhões de dólares)



Fonte: PEREIRA, Luiz Carlos Bresser, 2010

Utilizando o ano de 1980 como base, verifica-se que a riqueza financeira cresceu (em valores monetários) mais do que o dobro da riqueza real, avaliada pelo PIB. Sendo assim, denota-se a relevância que os ativos financeiros têm para as economias e, dessa forma, conseguem revelar o impacto que as crises financeiras geram para o sistema econômico.

O sistema financeiro cria sua riqueza e o introduz na economia através de meios eletrônicos. Dessa maneira, os rentistas, ou seja, indivíduos com capital investido, também obtém proveito à medida que o seu capital investido se eleva em proporções cada vez mais aceleradas, e sentindo-

se beneficiados assim, querem a manutenção do sistema para continuar no poder. De acordo com PEREIRA (2010), esses profissionais de finanças lidam com um tipo diferenciado de mercadoria que são os ativos fictícios, os quais dependem, sobretudo, da confiança de seus lastros, diferentemente dos demais empreendedores que lidam com produtos e serviços reais da economia.

Para os operadores do sistema financeiro, o dinheiro pode ser criado e negociado com relativa facilidade através de inovações financeiras, no que concerne à especulação do capital. Sobre especular, os agentes compram ativos prevendo um aumento e liquidam a operação ao negociar novamente, obtendo o seu lucro.

Entretanto, pode-se ter uma manipulação de massas quando investidores com um alto capital compram em conjunto, elevando o preço do ativo para, posteriormente, vender para aqueles menos informados. Assim, o lucro é obtido no curto prazo e efetuado em diversas bolsas pelo mundo, o que eleva o nível de interdependência global através de investidores internacionais.

As finanças se tornam perigosas quando não estão orientadas para o financiamento da produção, mas para operações individuais de rentabilização e, principalmente, por parte de bancos comerciais e instituições financeiras que visam apenas o lucro através da comercialização de ativos fictícios. Dessa forma, a especulação sem crédito tem alcance limitado, pois quando alavancada, torna-se muito arriscada. Quando há endividamento dos investidores e a alavancagem está alta demais, ocorre um efeito em massa para liquidação dos ativos o que, de certo modo, impõe a necessidade de muito capital quando, na verdade, o mesmo inexistente e não é suficiente para garantir toda essa liquidez, o que pode ocasionar uma crise generalizada.

Com base nessa crise, os governos construíram instituições (e bancos centrais) desenvolvendo sistemas reguladores competentes em nível nacional e internacional, no intuito de controlar o crédito e evitar crises financeiras ou reduzir sua intensidade. Contudo, há muito ainda para se melhorar, sendo esta melhora um processo contínuo e constante. Neste propósito, as instituições internacionais podem exercer um importante papel, o que pode contribuir para promover melhorias no sistema.

O Sistema Monetário Internacional, ao longo das últimas décadas, percorreu uma trajetória que alterna períodos de estabilidade das moedas e cooperação internacional, com períodos de crise dos sistemas vigentes, seguidos de instabilidade, levando a atitudes não cooperativas em termos de relações cambiais entre as nações.

Negociações multilaterais são as realizadas entre mais de dois países, das quais se resulta um sistema regulador do ambiente mercadológico. Para entender esse ambiente normativo, faz-se

necessário analisar as instituições envolvidas, as quais formam as bases para a legitimação internacional. Nessa ordem, o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT) teve papel fundamental para o contexto desenvolvimentista e que, posteriormente, seria aderido à estrutura da OMC.

Com o propósito de criar uma nova estrutura econômica mundial para o período pós-guerra mundial, os Estados Unidos desejavam fomentar o intercâmbio mundial por meio do livre comércio, garantindo, assim, investimentos principalmente pelos países abalados pela guerra, bem como auxílio econômico àqueles que tivessem problemas na balança de pagamentos. No mesmo período, foram criados o Banco Mundial (BIRD) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). No fim desse período, os Estados Unidos se consolidaram como a maior economia do planeta, rompendo com séculos de predomínio europeu.

De acordo com ALMEIDA (2010), o liberalismo clássico não existe mais desde a década de 1930. O Estado ganhou papel mais ativo na sociedade, e as relações sociais passaram a ser mais regulamentadas. Ainda segundo o autor, o liberalismo clássico não existiu de fato, sendo apenas um plano ideal de construção social. O Estado sempre foi um ator importante na economia nacional, pois foi considerado poderoso, desde os tempos do absolutismo. Ele só tinha um papel econômico relativamente reduzido por razões próprias ao processo de construção das modernas sociedades urbanas e à organização do modo de produção capitalista.

O intervencionismo estatal na economia começou em razão da Primeira Guerra Mundial, e além da produção industrial voltada para a guerra, também em função de todos os mecanismos financeiros e monetários que conduziram a uma quase completa subordinação da economia às razões da política da época. Após a Segunda Guerra, observa-se um alinhamento, no plano das relações econômicas mundiais, para a ordem multilateral caracterizada pelas instituições de Bretton Woods e pelo GATT. Assim, quase todas as economias avançadas da época aderiram aos modelos econômicos vigentes.

Há um consenso sobre a necessidade de reformas, mas não há previsibilidade sobre como será esse novo Sistema Monetário Internacional e sobre a dinâmica dos desequilíbrios entre as nações no que concernem aos problemas de déficit e superávit no comércio global. Também há um impasse político e econômico que acaba dificultando a cooperação entre as nações no que se refere à construção de um novo sistema monetário, dada à situação em que se encontram as economias envolvidas, com um alto grau de endividamento, tendo então que exportar para gerar renda interna, bem como a necessidade dos países em desenvolvimento sobre a necessidade de exportar

para continuar a crescer. Assim, os impasses continuam à medida que cada Estado procura viabilizar seus próprios interesses.

Dessa maneira, o capitalismo foi se consolidando na medida em que regimes absolutistas, ditaduras abertas, tiranias comunistas e fascistas surgiram e desapareceram enquanto experimentos de tentativa e erro, uma vez que violavam certas leis econômicas de organização social, ou contrariavam a aspiração natural dos seres humanos a uma maior autonomia, à liberdade individual, à iniciativa privada e à defesa da propriedade.

PRINCIPAIS CONCLUSÕES

O capitalismo viabilizou a ascensão das grandes potências, bem como o surgimento de mecanismos complexos que possibilitaram a expansão comercial e financeira. Através desse sistema, a economia mundial se integralizou de maneira interdependente e, sendo assim, qualquer ação política ou econômica pode interferir, direta ou indiretamente, nas demais posições estratégicas no contexto internacional.

Com isso, cada vez mais frequentemente, crises locais adquirem efeitos globais, o que concede uma condição de fragilidade às economias que se tornam suscetíveis e vulneráveis diante estes eventos. Neste sentido, torna-se cada vez mais complexo projetar a situação econômica para o longo prazo, uma vez que as economias contam com as variáveis exógenas (dificilmente controladas) interferindo sobre as mesmas.

A interdependência foi se intensificando cada vez mais com o advento do comércio internacional, graças à necessidade de trocas comerciais (mercado de bens e serviços) e também de recursos financeiros (mercado monetário) entre os países. No entanto, em relação à interação mercadológica (envolvendo bens e serviços) constata-se a geração de assimetrias, pois as trocas comerciais são desiguais em termos de produção, já que alguns Estados têm tecnologia, enquanto outros fornecem matéria prima a preços baixos. Sendo assim, o excedente econômico é transferido da periferia para o centro, ou seja, esse excedente é derivado dos produtores com lucros e salários baixos na periferia e destinado aos produtores com lucros e salários altos das áreas centrais. Este aspecto constitui uma das principais fragilidades do sistema, pois, nesse sentido, contribui para a desigualdade e a concentração da renda e riqueza (tanto em nível individual, quanto entre as nações).

Os Estados continuam a ser decisivos na vida política e econômica dos países. Na contemporaneidade, adquirem um papel mais relevante do que antes, pois estes têm o poder de

emissão de moeda, o que, por vezes, provoca males como a inflação, endividamento excessivo, movimentos cambiais não equânimes, entre outros problemas advindos do sistema. Apesar dos problemas decorrentes do sistema, o capitalismo tem se desenvolvido de forma expressiva nas últimas décadas, evidenciando a importância estratégica que possui no cenário internacional.

Observa-se um intenso fluxo de comércio internacional, bem como a expansão das multinacionais que, através da lógica de desenvolvimento do capital, conseguem transpassar as barreiras fronteiriças estatais. Com isso, é possível constatar-se que há um avanço no sentido de que os indivíduos (ofertantes de mão de obra) estão livres para vender sua força de trabalho em empresas multinacionais em qualquer lugar do mundo e almejar, com isso, sempre as melhores condições no sistema. Mesmo assim, em função das assimetrias, faz-se necessário um papel mais ativo do Estado para com o indivíduo, fornecendo bens considerados fundamentais como, por exemplo, saúde, educação, entre outros. Isto ocorre, principalmente, em virtude de que o sistema é excludente e concentrador, colocando inúmeros agentes em situações de vulnerabilidade, o que faz com que fiquem à margem do processo e dependentes do Estado.

O Estado, entretanto, não é uma unidade autônoma, pois orientado pelos interesses da classe dominante e, dessa forma, o capitalismo é uma arena de disputa constante entre diversos grupos que lutam pelo seu próprio desenvolvimento. Talvez seja esse o ponto em que muitas das disputas internacionais geram cada vez mais conflitos, inclusive armados, para a disputa de posições mais interessantes para satisfazerem os interesses dos Estados e de alguns grupos dominantes.

Verifica-se, desta forma, inúmeras fragilidades e inconsistências que parecem típicas e inerentes ao sistema capitalista. Ainda assim, considerando-se que muitas nações já instituíram sistemas distintos que também apresentaram sérios problemas e passaram a ser enfraquecidos ou destituídos, pode-se inferir que o capitalismo deve permanecer presente como lógica predominante a reger o sistema mundo.

Com isso, a assimetria entre os atores internacionais deve permanecer e os centros de poder (nações dominantes) devem continuar os mesmos, quiçá apresentando pequenas alterações. O mesmo configura-se para a questão das desigualdades e níveis de concentração de renda e riqueza.

Resta, entretanto, controlar as questões relativas à interdependência, o que pode ocorrer através da configuração de uma base institucional sólida e completa que faça frente aos inúmeros aspectos (e problemas), principalmente de ordem comercial e financeiros, que podem surgir nas inter relações entre os países. Já que a interdependência é fruto do capitalismo, que seja, ao menos,

controlada e cerceada para mitigar problemas que podem comprometer o futuro das nações e do sistema mundo.

REFERÊNCIAS

ABBARA, Omar Muhieddine Franco. **Modelagem de dependência em séries financeiras multivariadas**. Dissertação de mestrado, Unicamp, Campinas. 2009. Disponível em: http://www.ime.unicamp.br/sinape/sites/default/files/Abbara,OmarMuheddineFranco_M.pdf

ALMEIDA, Paulo Roberto. **O papel dos BRICS na economia mundial**. Comércio e negociações internacionais para jornalistas. Rio de Janeiro, 2009.

BANCO Mundial Brasil. Disponível em: <http://www.worldbank.org/pt/country/brazil>.

BAYLIS, John et al. **The globalization of world politics: an introduction to international relations**. New York: Oxford University Press, 2008.

FALK, Richard. **Globalização predatória: uma crítica**. Portugal, Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

FRIEDMAN, Thomas. **O mundo é plano: o mundo globalizado no séc. XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

GAMA, Marilza et al. **Comércio exterior competitivo**. São Paulo: Yone Silva Pontes, 2010.

GILPIN, Robert. **Global political economy: understanding the international economy order**. USA, New Jersey: Princeton University Press & Oxford, 2001.

International Monetary Fund. Disponível em: <http://www.imf.org/external/index.htm>

KRASNER, Stephen. **Causas estruturais e consequências dos regimes internacionais: regimes como variáveis intervenientes**. 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARIUTTI, Eduardo Barros. **Considerações sobre a perspectiva do sistema mundo**. 2004.

MOSER, Luiz Gustavo Meira et al. **A compra e venda internacional de mercadorias: estudos sobre a convenção de Viena de 1980**. São Paulo: Atlas, 2011.

MUDANÇAS na economia mundial: perspectiva histórica de longo prazo, por Paulo Roberto de Almeida. Disponível em: <http://ibri-rbpi.org/2010/05/03/mudancas-na-economia-mundial-perspectiva-historica-de-longo-prazo-por-paulo-roberto-de-almeida/>

PEREIRA, João Basílio. **Desafios atuais para o sistema monetário internacional.** Economia e Tecnologia. Dezembro, 2011.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **A crise financeira global e depois: um novo capitalismo?** Scielo: março, 2010.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

RATTI, Bruno. **Comércio internacional e câmbio.** 11.ed. São Paulo: Lex editora, 2006.

RAVENHILL, John. **Global political economy.** 3. ed. United States of America, New York: Oxford University Press, 2011.

SILVA, André Luiz Reis. **A Cooperação Sul-Sul na política do Governo Lula (2003-2010).**

Conjuntura Austral, 2012. Disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/32986/22424> acesso em: 18/06/2015

STALLINGS, Barbara. **Global change, regional response:** the new international context of development. New York: Cambridge University Press, 1995.

SWEEZY, Paul et al. **A transição do feudalismo para o capitalismo.** Paz e Terra, Digital Source – livro online, 2004.

VERSIGNASSI, Alexandre. **Crash:** uma breve história da economia – da Grécia antiga ao séc. XXI. São Paulo: Leya, 2011.

Data recebimento do artigo: 15/11/2015

Data do aceite de publicação: 30/12/2015